

ROMANCES FAMILIARES (1909 [1908])

NOTA DO EDITOR INGLÊS

DER FAMILIENROMAN DER NEUROTIKER

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

(1908 Data provável de redação.)

1909 Em O. Rank, *Der Mythos von der Geburt des Helden*, 64-8, Leipzig e Viena: Deuticke.

(1922, 2ª ed., 82-6.)

1931 *Neurosenlehre und Technik*, 300-4.

1934 G.S., 12, 367-71.

1934 *Psychoan. Päd.*, 8, 281-5.

1941 G.W., 7, 227-31.

(b) TRADUÇÕES INGLESAS:

1913 Em Rank, *Myth of the Birth of the Hero*, J. Nerv. Ment. Dis. 40, 668-71, 718-19. (Trad. de S. E.)

'*Family Romances*'

1914 A mesma, em formato de livro, 63-8. Nova Iorque: Nervous and Mental Diseases Publishing Co.

'*Family Romances*'

1950 C.P., 5, 74-8. (Trad. de James Strachey.)

A presente tradução é uma reimpressão, ligeiramente modificada, da publicada em 1950.

Quando este artigo foi publicado pela primeira vez, no livro de Rank, não tinha qualquer título, nem formava uma seção separada. Foi simplesmente inserido no correr do texto de Rank com algumas palavras de agradecimento. Só veio a receber um título em alemão em sua primeira reimpressão. Como o prefácio ao livro de Rank está datado 'Natal, 1908', é provável que a contribuição de Freud tenha sido escrita nesse ano. Há muito Freud descobrira esses 'romances familiares', como os designara, embora inicialmente os atribuísse especialmente aos paranóicos. Ver suas cartas a Fliess de 24 de janeiro e 25 de maio de 1897 e de 20 de junho de 1898 (Freud,

1950a, Carta 57, Rascunho M, e Carta 91, onde o termo é usado pela primeira vez).

ROMANCES FAMILIARES

Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas. Existe, porém, uma classe de neuróticos cuja condição é determinada visivelmente por terem falhado nessa tarefa.

Os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (isto é, ao progenitor do mesmo sexo), e ser grande como seu pai e sua mãe. Contudo, ao desenvolver-se intelectualmente, a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem. Vem a conhecer outros pais e os compara com os seus, adquirindo assim o direito de pôr em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuíra. Os pequenos fatos da vida da criança que a tornam descontente, fornece-lhe um pretexto para começar a criticar os pais; para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus. A psicologia das neuroses nos ensina que, entre outros fatores, contribuem para esse resultado os impulsos mais intensos da rivalidade sexual. O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos *sente* que é negligenciada, ou que não está recebendo todo o amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs. Sua sensação de que sua afeição não está sendo retribuída encontra abrigo na idéia, mais tarde lembrada conscientemente a partir da infância inicial, de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta. Alguns indivíduos que não desenvolveram neuroses se lembram com muita frequência de ocasiões em que - em geral em consequência de alguma leitura - interpretaram e responderam dessa forma ao comportamento hostil dos pais. Mas já aqui evidencia-se a influência do sexo, pois o menino tem maiores tendências a sentir impulsos hostis contra o pai do que contra a mãe, tendo um desejo bem mais intenso de libertar-se *dele* do que *dela*. A esse respeito a imaginação das meninas tende a revelar-se muito mais fraca. Esses impulsos mentais da infância conscientemente lembrados constituem o fator que nos permite entender a natureza dos mitos.

O estágio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais, que assim teve início, pode ser descrito como o 'romance familiar do neurótico', sendo raramente lembrado conscientemente, mas podendo quase sempre ser revelado pela psicanálise, já que uma

atividade imaginativa estranhamente acentuada é uma das características essenciais dos neuróticos e também de todas as pessoas relativamente bem dotadas. Essa atividade emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo característico dessa atividade imaginativa está nos devaneios que se prolongam até muito depois da puberdade. Se examinarmos com cuidado esses devaneios, descobriremos que constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real. Têm dois objetivos principais: um erótico e um ambicioso - embora um objeto erótico esteja comumente oculto sob o último. No período já mencionado a imaginação da criança entrega-se à tarefa de libertar-se dos pais que desceram em sua estima, e de substituí-los por outros, em geral de uma posição social mais elevada. Nessa conexão ela lançará mão de quaisquer coincidências oportunas de sua experiência real, tal como quando trava conhecimento com o senhor da Casa Grande ou com o dono de alguma grande propriedade, se mora no campo, ou com algum membro da aristocracia, se mora na cidade. Esses acontecimentos fortuitos despertam a inveja da criança, que encontra expressão numa fantasia em que seus pais são substituídos por outros de melhor linhagem. A técnica utilizada no desenvolvimento dessas fantasias (que, naturalmente, são conscientes nesse período) depende da inventividade e do material à disposição da criança. Há também a questão de as fantasias serem desenvolvidas com maior ou menor esforço para se obter verossimilhança. Esse estágio é alcançado numa época em que a criança ainda ignora os determinantes sexuais da procriação.

Quando finalmente a criança vem a conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas relações sexuais, e compreende que *'pater semper incertus est'*, enquanto a mãe é *'certissima'* o romance familiar sofre uma curiosa restrição: contenta-se em exaltar o pai da criança, deixando de lançar dúvidas sobre sua origem materna, que é encarada como fato indiscutível. Esse segundo estágio (sexual) do romance familiar sofre o influxo de um outro motivo que está ausente do primeiro estágio (assexual). A criança que já conhece os processos sexuais tende a se imaginar em relações e situações eróticas, cuja força motivadora é o desejo de colocar a mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual) em situações de secreta infidelidade e em secretos casos amorosos. Dessa forma, as fantasias da criança, que inicialmente eram assexuais, elevam-se ao nível do seu conhecimento posterior.

Além disso, o motivo da vingança e da retaliação, que estava em primeiro plano no estágio inicial, também está presente no posterior. Via de regra, são precisamente essas crianças neuróticas, que foram punidas pelos pais por travessuras sexuais, que agora se vingam dos mesmos através de tais fantasias.

A criança mais nova tende especialmente a utilizar essas histórias imaginativas para despojar os irmãos mais velhos de suas prerrogativas - de uma maneira que lembra as intrigas históricas; e com frequência não hesita em atribuir à mãe tantos casos de amor fictícios quantos são os seus competidores. Pode então surgir uma interessante variação desses romances familiares, e um que o herói e autor tem uma legitimidade reconhecida enquanto seus irmãos e

irmãs são declarados bastardos. Se estiverem operando também outros interesses, estes podem determinar o curso do romance familiar, já que sua multiplicidade e amplitude de formas permite-lhe satisfazer toda uma série de requisitos. Assim, por exemplo, o jovem construtor de fantasias pode eliminar o grau proibitório de parentesco que o une a uma irmã por quem se sente sexualmente atraído.

Se alguém está inclinado a fugir horrorizado ante essa depravação do coração infantil ou se sente até mesmo tentado a refutar a possibilidade de tais coisas, deveria observar que nenhuma dessas obras de ficção, aparentemente plenas de hostilidade, possui na realidade uma intenção tão má, e que ainda conservam, sob um leve disfarce, a primitiva afeição da criança por seus pais. A infidelidade e a ingratidão são apenas aparentes. Se examinarmos em detalhe o mais comum desses romances imaginativos, a substituição dos pais, ou só do pai, por pessoas de melhor situação, veremos que a criança atribui a esses novos e aristocráticos pais qualidades que se originam das recordações reais dos pais mais humildes e verdadeiros. Dessa forma a criança não está se descartando do pai, mas enaltecendo-o. Na verdade, todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. Ela dá as costas ao pai, tal como o conhece no presente, para voltar-se para aquele pai em quem confiava nos primeiros anos de sua infância, e sua fantasia é a expressão de um lamento pelos dias felizes que se foram. Assim volta a manifestar-se nessas fantasias a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da criança. O estudo dos sonhos nos fornece uma contribuição interessante ao assunto. Da interpretação dos mesmos concluímos que mesmo em anos posteriores, se o Imperador e a Imperatriz aparecem em sonhos, tais nobres personagens representam o pai e a mãe do sonhador. Assim, a supervalorização dos pais pela criança sobrevive também nos sonhos de adultos normais.